

A FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS PELAS FILHAS DE SANTA TEREZA

MARIA NAHIR BATISTA FERREIRA

SEDUC. Graduada em História e Especialista em Análise Regional do Nordeste Brasileiro (UFPB). Especialista em Gestão Escolar (UDESC). Especialista em Metodologias do Ensino Superior (FVS). Especialista em Mídias na Educação (UFC). Mestre em Educação (UECE). Professora da rede pública do Estado do Ceará. E-mail: nahir701@hotmail.com

Introdução

O trabalho se propõe, como ideia central, identificar o tipo de preparo na formação das professoras, tomando como base a atuação das Filhas de Santa Tereza de Jesus, à frente do Colégio Senhor do Bonfim, em Icó-CE, fundado em 1938, para atender a juventude feminina icoense, cabendo às Irmãs a tarefa de conduzir as jovens em sua formação. Na tessitura de *a formação das professoras pelas filhas de Santa Tereza*, buscamos fazer uma discussão fomentada nos escritos Guacira Louro (1997), Lopes e Galvão (2001) Lombardi e Nascimento (2004), bem como em outras referências bibliográficas sobre o tema e na pesquisa documental por meio da leitura e análise dos relatórios e atas produzidos pela Congregação.

Na perspectiva da História da profissão docente, a hegemonia da Igreja no campo da formação foi favorecida, haja vista o in-significante número de escolas normais públicas no País. Mesmo, porém, com o surgimento dessas instituições, manteve-se o ideal feminino, visto que a educação feminina praticada era uma formação para o lar, pautada no desenvolvimento da relação entre instrução e casamento. Com efeito, na primeira parte do trabalho, apresentamos o curso Normal que era o *locus* especializado do modelo de formação praticado como instância na mediação da cultura, ou seja, espaços responsáveis pela divulgação do saber, das normas e técnicas necessárias à formação das professoras. Posteriormente, tratamos da formação das professoras, mediante a condução das Filhas de Santa Tereza, no Colégio Senhor do Bonfim, em Icó-CE,

sob a observação dos ensinamentos e reflexões do modelo teresiano. Por fim, trazemos as considerações finais, pois resulta dessa investigação a ideia de que a formação das professoras estava inserida no modelo de educação feminina atrelada a uma formação moral não somente no tocante à formação feminina, mas também no ato do exercício do magistério.

O Curso Normal: a busca pela formação das professoras

A história da Escola Normal está associada à necessidade da profissionalização dos docentes num período de institucionalização da instrução pública no mundo moderno, que se constituía sob o signo das famílias mais abastadas economicamente. Dessa forma, as escolas normais como *locus* especializado em formar professores para o ensino primário, ao longo da sua história, são marcadas por uma conjuntura sociopolítica, ultrapassando questões de cunho meramente pedagógico. Para Mario Manacorda, as raízes da Escola Normal europeia remontam às iniciativas da Reforma e Contrarreforma, onde as escolas eram de caráter assistencial para os pobres ou aristocráticos para a formação de dirigentes, e geralmente oferecidas por alguma ordem religiosa, como era o caso da ofertada pelos jesuítas no Brasil. (1997, p. 228).

As escolas normais começaram a aparecer no cenário socio-cultural brasileiro na terceira década do século XIX. Em 1835, em Niterói, em 1836, na Bahia, em 1845, no Ceará e, em 1846, em São Paulo.

Durante a República, em meados do século XIX, surgem a defesa da laicidade do ensino e o fim do domínio Igreja Católica. A Igreja ainda detinha, no entanto, o controle de parte do Magistério, pois contava com maior tradição no ensino e era a responsável pela educação da mulher.

Jorge Nagle, em seu livro *Educação e sociedade na primeira República* (2009), aponta que a superação do regime monárquico

pelo republicano não implicou transformação consistente nos fundamentos sociais da sociedade brasileira. Continuou sob o novo regime político, praticamente, a mesma estrutura do poder, igual mentalidade, as mesmas instituições básicas e, principalmente, semelhantes interesses dos grupos dominantes do Período Imperial.

Assim, a formação, bem como a profissão docente, mantinham, de certo modo, vínculos com suas origens religiosas, uma vez que a formação não estava associada somente à instrução, mas a moral cultivada pela sociedade. Por meio de exigências simbólicas, ou mesmo explícitas, atribuídas ao perfil da professora, esta se viu submetida “a um estrito controle sobre seus desejos, suas falas, seus gestos e atitudes, encontrando na comunidade um fiscal e um censor de suas ações.” (LOURO, 2003, p. 79).

A presença de instituições privadas, principalmente católicas, responsáveis pela formação de professoras para o setor público, transmitia a influência religiosa, constatando que “há um etos religioso fundante na formação dessas primeiras professoras.” (LOPES & GALVÃO, 2001, p.73). Com a feminização do magistério primário, as congregações especificavam em seus colégios uma educação de conduta ética, religiosa, estética de formação para o lar, que podendo ser observados, em seu ensino ministrado às alunas, os valores da função natural da mulher: ser mãe-professora.

Desde o momento de sua institucionalização, as escolas normais foram importantes instâncias na mediação da cultura, ou seja, espaços responsáveis pela divulgação do saber, das normas e técnicas necessárias à formação das professoras, constituindo assim, um *ethos* que elabora uma cultura pedagógica para a formação docente feminina.

Existia, portanto, uma relação entre educação e cultura, haja vista a educação para a formação humana, Acerca dessa relação, Jean Claude Forquim (1993) assim se pronuncia:

Se toda educação é sempre educação de alguém por alguém,
ela supõe sempre também necessariamente, a comunicação,

a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação [...] este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos pode-se perfeitamente dar-lhe o nome cultura. (P.10).

A proposição da Escola Normal como agência formadora estava inserida no modelo educacional caracterizado por uma moral católica de formação de educadoras, cabendo as Irmãs a tarefa de conduzir as jovens na sua formação.

A condução da formação das professoras pelas filhas de Santa Tereza de Jesus no Colégio Senhor do Bonfim/Icó-CE

O Colégio Senhor do Bonfim/Icó-CE foi criado em janeiro de 1938, pertencente ao quadro educativo da Congregação das Filhas de Santa Tereza de Jesus, sediada em Crato-CE. Foi criado “para a educação da mocidade feminina icoense”. (RELATÓRIO PERSPECTIVA DA FUNDAÇÃO DO GINÁSIO SENHOR DO BONFIM, 1938). Até o ano de 1975, a escola esteve sob a direção das Irmãs da Congregação e dedicou por longo tempo a educação apenas das jovens, servindo de noviciado e formando-as no curso Normal. Dos anos de 1975 a 1989, estiveram na direção ex-alunas e também ex-professoras Eutímia Maciel e Irismar Maciel, que solteiras, dedicaram a vida inteira ao magistério. De 1990 a 2000, a direção esteve sob a responsabilidade das educadoras Lourdes Maciel e Sílvia Pinheiro. Em 2001 a escola retornou para a direção das Filhas de Santa Tereza, funcionando da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Inicialmente, a comunidade e o Ginásio Senhor do Bonfim se instalaram num sobrado cedido pela Paróquia Nossa Senhora da Expectação. Em agosto do mesmo ano, foi transferida para a sede definitiva, no prédio comprado ao Padre Bernardino Antero, ampla

construção do século XIX, incluindo capela e cemitério, onde ficava a antiga casa da família Antero. Na aquisição do prédio, a Congregação recebeu como doação a Capela do Coração de Jesus e ficou responsável pelo cemitério particular da família. De acordo com os relatórios da Congregação, no tocante à doação da capela foram cunhadas na escritura de doação as seguintes cláusulas: “Zelar o cemitério da família”. “Não retirar nenhum objeto ou móvel da Capela para outra casa nem mesmo por empréstimo”. (RELATÓRIO PERSPECTIVA DA FUNDAÇÃO DO GINÁSIO SENHOR DO BONFIM, 1938).

Assim, o Colégio Senhor do Bonfim iniciou as atividades de formação das professoras, cabendo às Irmãs a tarefa de conduzir as jovens no seu processo de formação. “Em setembro de 1942 o colégio recebeu as visitas da Escola Normal Rural do Juazeiro e do Ginásio Santa Tereza do Crato, na pessoa de algumas de suas alunas e professores.” (RELATÓRIO, 1942). Este é fato revelador de que a proposta de formação das Filhas de Santa Tereza estava inserida numa proposta de magistério para a mulher. Há de se considerar a noção de que o contexto histórico, político e social da sociedade brasileira onde essas instituições estavam inseridas e que, conseqüentemente, desencadeou mudanças no campo educacional, provocou mudanças no pensamento feminino, bem como no imaginário criado sobre a mulher dentro da sociedade brasileira. Ante as mudanças, então, se procurou por meio da educação, uma identidade nacional. Dessa forma, buscava-se uma identidade feminina em meio ao predomínio e à supremacia masculinos. Efetivamente, “a prática educativa voltou-se para um sujeito humano novo [...] impôs novos protagonistas (a criança, a mulher, o deficiente), renovou as instituições formativas desde a família até a escola, a fábrica etc.” (CAMBI, 1999, p. 512).

Com efeito, a mulher passa a ser alvo do modelo de formação praticado nas escolas católicas de formação de educadoras. Como relata Magalhães Júnior, havia uma linha filosófica bem definida em relação à formação das educadoras:

Eram escolas com uma linha filosófica bem definida, pautadas na formação moral, caracterizada por um tradicionalismo em relação aos comportamentos exigidos das educandas, que, para serem dignas de receber os elogios de uma sociedade marcada pelo tradicionalismo moral católico, necessitavam seguir um modelo mariano de conduta e negar os “desejos” e ações transgressores de Eva. (2003:99).

A Escola Normal tinha o objetivo de ensinar a professora primária a ensinar, ou seja, reproduzir e praticar modelos, constituindo uma identidade feminina com foco na ideia de mãe-educadora, única possibilidade aceita socialmente de inclusão da mulher no mercado de trabalho.

O curso Normal oferecido pelas escolas católicas, ao se ocupar da formação da futura professora, não se descuidava de prepará-las para o lar e para a vida espiritual, sendo comum a prática dos retiros espirituais para as estudantes, como o ocorrido “nos dias 29, 30 e 1º de outubro, deu-se o retiro das alunas, pregado pelo Padre Manoel Germano, sacerdote jesuíta”. (RELATÓRIO, 1955).

As fontes documentais registram o cenário do desenvolvimento da formação e revelam a ênfase na ideia de preparar as moças para o magistério, sem se descuidar de prepará-las para serem esposas e donas de casa, estando presentes no currículo de sua formação os ensinamentos de disciplinas como Música, Língua Estrangeira, bem como práticas domésticas presentes nas aulas de Bordado, Costura e Culinária. Como é possível perceber no Relatório da Congregação das Filhas de Santa Tereza datado de 1941 tratando da formação das moças icoenses:

Procurando servir com mais eficiência a população local, o colégio não se preocupou no corrente ano, apenas com a educação intelectual das suas alunas; os trabalhos manuais, a arte doméstica foram também considerados como indispensáveis à juventude feminina. E assim bem empenhadas no cumprimento da missão de educadora eficientes distri-

bufram as Religiosas, diplomas de corte e Arte culinária a mais uma turma. (RELATÓRIO, 1941)

A reflexão sobre as fontes documentais é fecunda no percurso teórico e metodológico dos estudos de História da Educação, haja vista a possibilidade de constituir o sentido e as delimitações do objeto de estudo, bem como a compreensão da História da profissão docente. Assim, um olhar atento às fontes é capaz de revelar as trilhas da formação.

Assim, é preciso usar as informações iniciais obtidas para que estas nos levem a novos dados, lendo “nas linhas e entrelinhas” e atentos aos indícios que levam a novas perguntas e a novas fontes – formando, dessa forma, uma rede de informações. É importante não recorrer a uma única fonte, mas sim confrontar várias fontes que dialoguem com o problema de investigação e que possibilitem (ou não) que se dê conta de explicar e analisar o objeto investigado. (LOMBARDI e NASCIMENTO, 2004:156).

Nos relatórios das visitas canônicas feitas ao Colégio Senhor do Bonfim, a madre superiora registra todos os aspectos observados durante a sua visita, cuja permanência, de acordo com os documentos analisados, variava de três a sete dias. Os relatórios registram o fato de que as atividades das visitas canônicas consistem em acompanhar a comunidade em suas atividades diárias, ouvir as religiosas em particular, verificar a parte econômica da escola, os aspectos físicos do prédio, as benfeitorias, acompanhar as aulas, bem como observar a vida comunitária e espiritual e as possíveis falhas que deverão ser corrigidas. O relatório da visita canônica de 1950 registra “Ano Santo 1950” e reforça a importância da disciplina quando aponta. “A casa ainda deixa alguma coisa a desejar em relação à disciplina, das alunas”. É importante lembrar que a Igreja Católica definiu 1950 como o ano santo, em razão do Congresso Eucarístico que se realizava no Rio de Janeiro, à época era o Distrito Federal, capital do Brasil,

acontecimento que reflete na vida da comunidade teresiana e nos trabalhos desenvolvidos.

Com base na leitura e análise dos relatórios percebe-se a importância que as Irmãs atribuíam na formação das professoras à preparação para as prendas domésticas, conforme Madre Teresa Machado registra em sua visita. “Há em geral um gosto pelo trabalho manual achando-se nessa data uma bonita exposição e aqui deixo o meu louvor às alunas e mestras”. (RELATÓRIO, 1955).

Em se tratando de uma escola católica nota-se que a disciplina, o recolhimento e o silêncio eram elementos que não poderiam ser esquecidos. Assim, no relatório da visita canônica de 1953, é registrado:

Dois pontos importantes para melhorar a disciplina: o interesse que todos devem ter pela pontualidade, atendendo sem demora ao toque da sineta para os atos comuns. O respeito ao grande silêncio da noite, não só procurando guardá-lo fielmente, mas ainda fazendo com que as próprias alunas o observem. (RELATÓRIO, 1953).

Para as religiosas, é recomendada a observação dos ensinamentos e reflexões de Santa Tereza do Menino Jesus: “ter sempre que for possível os capítulos IX e X do Livro História de Uma Alma. Que belos e interessantes ensinamentos ali se encontram que muito ajudarão as Irmãs a bem viver na prática da vida comum”.

Vale a pena salientar a ideia de que, mesmo diante das exigências de obediência, silêncio, horários rígidos, uso do uniforme, vigilância, penitência, não se registra descontentamento com a escola nem com a formação recebida. Os eventos culturais, as solenidades religiosas, os rituais cotidianos e as formaturas sinalizam a aceitação ao modelo de formação praticado. Na análise dos documentos, é possível extrair manifestações de aceitação à orientação das Filhas de Santa Tereza. “Após a missa e o café fomos com alunas internas e externas e algumas professoras passar o dia em um pic-nique. [...] Lá a meninada brincou bastante e alegremente. À

tardinha estávamos de regresso do passeio”. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES, 1951).

No que concerne à vigilância das estudantes, no Termo de Visita Canônica (1953), é mencionado: Para maior eficiência dos trabalhos procurei estimular as Religiosas para num maior esforço melhorar ajudarem a Superiora Local, conservando o asseio, ordem e constante vigilância nas alunas.

Como se pode observar, a vigilância era uma constante, haja vista os valores da função natural destinados à mulher, ou seja, mãe e professora, servindo de modelo no lar, na escola ou mesmo na sociedade.

Um momento a ser destacado era a formatura. Concluído o curso, era chegado o momento para a demonstração da especificidade da escola na formação de suas professoras, bem como de prestar homenagens às autoridades constituídas. Era a coroação de um momento perseguido e esperado por todos. “À noite sessão solene presidida pelo Parainfo da Turma, onde as professorandas e humanistas em plena satisfação pela vitória conquistada recebiam das mãos de Sua Excia. seus diplomas”. (ATA DE REGISTRO DE ATIVIDADES 1955).

Era, portanto, uma formação orientada pelo modelo de mulher vigente à época, com forte apelo às devoções marianas. Surgia daí um conjunto de referências que deveriam ser fortalecidas em outras esferas, junto a outras pessoas e grupos, em outras modalidades de participação fora da escola.

Considerações finais

Com a realização deste trabalho em torno da formação das professoras, assim como das instituições responsáveis por essa formação, tencionamos oferecer algumas contribuições para a História da profissão docente, porquanto a compreensão da História da profissão docente possibilita maior entendimento do exercício da

docência nos vários segmentos educacionais em diferentes níveis e complexidades. O resultado da pesquisa revelou que a formação das professoras icoenses estava inserida no modelo de educação feminina atrelada a uma formação moral, não somente no tocante à formação feminina, mas também no ato do exercício do magistério. Ao consagrar a mulher-professora por sua natureza materna, este era o caminho único que se abria à possibilidade de uma ocupação para a mulher que não fosse somente o lar.

Dessa forma, a educação feminina trazia o arcabouço da educação cristã e as escolas católicas, ao atuarem na formação da professora, trabalhavam os conteúdos instituídos, ao mesmo tempo em que não se descuidavam da preparação para o casamento.

O modelo de formação praticado no Colégio Senhor do Bonfim pelas Filhas de Santa Tereza de Jesus estava imbuído desse espírito de educação feminina, com forte apelo ao modelo mariano, aos rituais católicos, a uma conduta moral de professora e preparação para o lar. Os achados da pesquisa documental sinalizaram o ardor teresiano que movia as religiosas e apontavam para a observação e obediência da educação vigente e que as professoras deveriam cumprir. Por meio da análise dos documentos produzidos pela Congregação, vislumbramos um instantâneo do que se almejava das futuras professoras.

As referências e valores que permeavam a formação da juventude feminina icoense, por meio da orientação das religiosas, deveriam ser fortalecidos fora da escola formadora na atuação como professora primária, ou, se não seguisse o magistério, a influência harmoniosa e benéfica deveria ser praticada seja na família ou na sociedade.

Fontes

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TEREZA DE JESUS, **Relatório Perspectiva da Fundação do Ginásio Senhor do Bonfim**, 1938.

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TEREZA DE JESUS, **Relatório** 1941.

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TEREZA DE JESUS, **Relatório** 1942.

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TEREZA DE JESUS, **Relatório** 1950.

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TEREZA DE JESUS, **Relatório** 1953.

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TEREZA DE JESUS, **Termo de Visita Canônica** 1953.

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TEREZA, **Relatório** 1955.

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TEREZA DE JESUS, **Ata de Registro de Atividades** 1955.

Referências bibliográficas

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FORQUIN, Jean Claude. **Escola e Cultura: as bases epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LOPES, E. M. T. & GALVÃO, A. M. O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**.

Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

LOMBARDI, José Claudinei e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

MAGALHÃES JÚNIOR, Antônio Germano. **Vigilância, transgressão e “punição”**: memórias de ex-alunas de escolas católicas de

formação de educadoras (1964-1969). 201 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

MANACORDA, Mario A. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Edusp, 2009.